

O AUTISMO E A INCLUSÃO ESCOLAR NA EEB MARIA DALVA BARBOSA DE AZEVEDO - ITAPIPOCA

Aratrícia Maria Martins Freire ¹

RESUMO

A garantia de uma escola inclusiva é uma pauta já discutida por todos aqueles que defendem uma educação de qualidade, principalmente quando se leva em consideração o aluno com deficiência, onde os direitos educacionais são garantidos por lei. Porém, a contextualização do ensino inclusivo na escola da rede municipal de Itapipoca EEB Maria Dalva Barbosa de Azevedo é realizada na busca de um sucesso mesmo com entraves que recaem sobre o perfil de uma escola que procura ser inclusiva, pois existem fatores diversificados que bloqueiam a inclusão. Teóricos como Mantoan (2013) e BAPTISTA, (2002) nos propõem pensar em práticas pedagógicas para que as crianças com autismo tenham sua aprendizagem efetuada. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é relatar os obstáculos que ocorrem na EEB Maria Dalva Barbosa de Azevedo, responsáveis pela dificuldade em se desenvolver uma educação inclusiva. Para isso, através da prática da observação dos alunos com TEA, quisemos compreender no que tais obstáculos influenciam no processo da inclusão e ensino e aprendizagem. Os resultados de nossa observação indicaram que os principais entraves no processo de um ensino inclusivo na referida instituição recaem na impotência de metodologias assistivas para o professor trabalhar determinados conteúdos. É notório a aplicação de metodologias que não alcançam o entendimento dos alunos, dificultando a aprendizagem dos mesmos e, conseqüentemente, minando as possibilidades de oferecer uma educação de qualidade e inclusiva.

Palavras-chave: Aprendizagem. Inclusão. Obstáculos.

INTRODUÇÃO

O processo de educação escolar sempre foi desafiador em todas as circunstâncias da vida escolar, mas lidar com a inclusão de pessoas com deficiências, em específico crianças com autismo – TEA/ Transtorno do Espectro do Autismo, traz para o corpo docente um desafio maior, pois sempre há o entrave da não “preparação acadêmica” para uma prática exitosa em sala de aula comum.

No ano de 2012, foi criada a Lei nº 12.764, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no intuito de resguardar os direitos dessas pessoas.

Na EEB Maria Dalva Barbosa de Azevedo, escola da rede municipal de Itapipoca – Ceará, encontramos dificuldades em implantar um currículo adequado que atenda cada limitação das crianças que estão inseridas no processo de inclusão com TEA. Em 2012

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Psicopedagogia Clínica pela Inta e Institucional e Hospitalar pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Professora da sala de Atendimento Educacional Especializado da EEB Maria Dalva Barbosa de Azevedo. E-mail: aratriciama@hotmail.com.

começamos o atendimento educacional especializado na nossa escola com a professora na sala de a recurso multifuncional

É de costume falar que incluir não é inserir! Sim, mas se a escola recebe os alunos e não consegue atender ou diminuir lacunas que impossibilitam o processo de aprendizagem desses sujeitos podemos então concluir que de fato não houve inclusão.

Mas em contrapartida como educadores buscamos metodologias, materiais didáticos que possam solucionar as dificuldades na tentativa de conseguir êxito nesse processo de aprendizagem do aluno que por algum motivo não consegue aprender.

A dificuldade sentida pelos professores está em aproximar-se desse aluno e conseguir que ele aprenda pelas vias de aprendizado e comunicação usuais. “O autismo evoca, com muita intensidade as limitações dos sujeitos em termos de chaves de acesso, de comunicação, de perspectivas de evolução.”(BAPTISTA, 2002, p.132)

Nesse sentido podemos compreender que precisamos nos qualificar enquanto profissionais da educação, não é fácil, mas buscamos recursos que possibilitem a inclusão das crianças com TEA. Tem sido um grande desafio, mas sabemos que estando professores o que nos sustenta é a vontade de vencer os desafios e superar as limitações sejam elas: didáticas, humanas, sociais, arquitetônicas ou econômicas. No processo de ensino-aprendizagem vamos nos adequando as necessidades que surgem dentro da inclusão na certeza de que podemos mudar a sociedade para melhor através da educação.

Ainda há uma resistência enorme na escola para fazer a inclusão das pessoas com deficiência, parece ser um mundo ainda desconhecido por partes da sociedade que não ver a inclusão escolar como uma boa pratica social. Isso nos inquieta enquanto professor da sala de recurso multifuncional, também conhecidos como: Atendimento Educacional Especializado – AEE, procurando entender como lidar com essa falta de afeição humana em relação ao preconceito das pessoas com deficiência.

Conforme STAINBACK & STAINBACK (1999, p.36), “a grande maioria dos alunos considerada aprendiz com deficiência não era considerada digna de educação formal.

Vários entraves encontramos enquanto educador na própria sala de aula para lecionar, direcionando esse resultado esperado das notas em uma criança que não consegue se expressar verbalmente, outra que não compreende as teorias ensinadas na explicação do professor, outros não consegue ainda nem pegar no lápis para escrever.

A sociedade inclusiva é, sim, possível, e, sem dúvida, será uma sociedade melhor não apenas para as pessoas com deficiências, com deficiências significativas, precariamente ou

marginalmente incluídas, mas será uma sociedade muito melhor, muito mais digna, para todos nós (NASCIMENTO, 2014, p. 45).

O estudo feito através de relatos de professores e angústias diárias nos fez buscar através de hipóteses e leituras, como ajudar docentes e alunos.

Assim buscamos respostas para amenizar essa dificuldade na vida desses educandos e docentes, criando parcerias que nos levem a compreender melhor sobre o assunto e encontrar soluções que possam de fato contribuir para o crescimento educacional de ambas as partes: docentes e discentes.

METODOLOGIA

"A ênfase curricular é a resolução de problemas e 'aprender a aprender'. Em vez de infundir nos alunos um conjunto de fatos, tais como respostas decoradas para perguntas padronizadas, eles aprendem a determinar de que informações necessitam e como obtê-las. O conhecimento está sempre se transformando." (STAINBACK, 2004/2005, p. 23).

Diariamente sentimos as dificuldades de ter novas metodologias, atividades adaptadas, jogos que alcancem a velocidade do cérebro de cada criança com tea, na escola EEB Maria Dalva Barbosa de Azevedo. Dialogamos: professores, núcleo gestor, profissionais da saúde quando temos disponibilidade, vídeos sobre o assunto, literatura direcionada ao TEA, baixamos materiais na internet. Percebemos que há muitos recursos, mas mesmo assim surge aquele momento de esgotamento, parece que nada flui e que temos que nos reinventar enquanto docentes para ter mais materiais didáticos que alcancem ou preencham o que ainda falta para essa aprendizagem tão sonhada pelas famílias e pelo grupo escolar acontecer.

A professora de atendimento educacional especializado – aee, costuma orientar os professores sobre materiais que possam ser interessantes para esses alunos, eles chegam na escola logo são identificados, fazem acompanhamento com o professor de aee e as vezes sentimos a diferença naquela criança que tem um acompanhamento multidisciplinar e as que não tem. É onde entra o fator família que tem seu peso nos resultados e evolução do aprender dessas crianças.

Os professores costumam identificar as habilidades desses educandos no dia a dia avaliando sua evolução, as vezes um rabisco, um desenho, um balbucear daqueles alunos que não tem comunicação verbal, ou seja cada detalhe mínimo é um valioso avanço quando vivenciamos essa realidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A história da inclusão sempre é regada a lutas, quando estudamos sobre esse assunto percebemos como é difícil lidar com o preconceito humano que infelizmente contagia as pessoas principalmente quando elas não convivem com as deficiências e não conhecem as habilidades de uma pessoa.

(SALAMANCA, 1994), [...] todas as escolas devem acolher a todas as crianças, independentemente de suas condições pessoais, culturais ou sociais; crianças deficientes e superdotadas/altas habilidades, crianças de rua, minorias étnicas, lingüísticas ou culturais, de zonas desfavorecidas ou marginalizadas.

Nesse contexto vamos caminhando para tentar diminuir a distância entre a exclusão e a inclusão pois as vezes nos tornamos impotentes diante de tantos contratemplos que surgem dentro do âmbito escolar, a falta de conhecimento tem sido o mais prejudicial. Mesmo não sendo especialistas como educadores precisamos nos doar para conhecer mais e poder contribuir com as aprendizagens.

A sociedade precisa compreender que a escola deve ser tida como uma instituição acessível a todos de uma forma geral, já não dá mais para pensar só em acessibilidade arquitetônica, é hora de acesso e respeito ao outro, as suas habilidades e comorbidades, precisamos sair da nossa zona de conforto achando que somos “normais” e as outras pessoas diferentes.

A escola deve atentar-se para uma construção efetiva de acesso de informação, conscientização do que de fato é a inclusão para encontrar soluções que adequem o ensino as crianças com deficiências.

Elaborar currículos, segundo GLAT E OLIVEIRA (2003, p.9): (...) é tomar decisões sobre os saberes que serão considerados, valorizados ou transmitidos pela escola. É também decidir quanto à criação, ou não, de grupos excluídos e culturas negadas pela escola. A perspectiva multicultural faz com que o currículo se comprometa com o ensino de qualidade e com a perspectiva de acolhimento e respeito às diversidades.

Com o passar dos anos o aumento de crianças com TEA tem sido bem significativo, o que deixa as famílias aflitas, pois muitas vezes eles demoram para receber o diagnóstico, compreender o laudo, passar pelo o luto até chegar na aceitação e procurar atendimento para seus filhos. Na maioria das vezes esse laudo só chega porque é na escola que o professor

identifica as dificuldades do aluno e chamam a família para dialogar e buscar ajuda na área da saúde.

E após todo esse processo de identificação, a escola fica sozinha para lidar com as dificuldades de aprendizagem desse aluno, na maioria das vezes não tendo sucesso.

MANTOAN (2013, p. 18) afirma que “a educação é um direito humano, fundamental e, portanto, deve ser colocado à disposição de todos os seres humanos”.

O problema para as crianças com autismo é que precisam na maioria das vezes de uma adaptação curricular para seu sucesso educacional e ainda não temos um direcionamento específico, temos métodos, atividades escolares que as vezes dá certo com uns e outros não, assim a escola segue buscando intervenções através de profissionais que lidam com o transtorno do espectro do autismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

[...] a aprendizagem e a ampliação das condições cognitivas irá variar conforme o grau do autismo. Porém, vale recordar o desafio lançado por Vygotsky com o bem conhecido conceito da zona de desenvolvimento proximal, zona essa que se dimensiona em cada individualidade. Esse conceito defende a idéia de que ninguém está fora do alcance da ação pedagógica produtora de mudanças (BEYER, 2002, p.124 e 125).

O que pudemos identificar durante esse tempo de troca de experiências que os professores mesmo com toda demanda de alunos com dificuldades de aprendizagem e alunos com deficiências, têm sentido imensa dificuldades de adaptar conteúdos, pois o auxílio de orientações ainda se torna escasso para a grande demanda e pouco conhecimento de práticas alternativas como por exemplo o ABA - Análise Comportamental Aplicada, que seriam teorias que poderiam auxiliar o docente se ele estivesse vivenciado essa aprendizagem para contribuir em salas comum com seus alunos que precisam de alternativas diferenciadas para aprender.

Os procedimentos utilizados no ABA amparam na comunicação de pessoas com transtorno do espectro do autismo – TEA.

A grande queixa dos docentes é não saber lidar com as variadas situações no processo de comportamento e aprendizagem dessas pessoas, o que infelizmente acaba limitando a inclusão escolar.

Mas com as formações continuada, o auxílio do professor de AEE, a concretização da aprendizagem dos alunos outrora desacreditados e agora enxergados por suas habilidades muda

o cenário da descrença da pessoa com necessidades especiais, especificamente com o espectro do autismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se tem falado sobre o sofrimento dos professores. Eu, que ando sempre na direção oposta, e acredito que a verdade se encontra no avesso das coisas, quero falar sobre o contrário: a alegria de ser professor. (ALVES, 1994, p.8)

Compartilhar aprendizagem é um dos principais focos na missão de ser docente, comprovamos isso no chão da sala de aula, no dia a dia, são imensos os entraves que os professores da sala comum enfrentam em seu percurso, pois muitas vezes a falta de compreensão com algumas atitudes dos alunos com autismo lhes deixam sem saber como agir, na maioria das vezes por falta de conhecimento teórico, conscientização sobre inclusão, situações como essas que direcionam o docente a buscar conhecimento do assunto e da causa ou estacionar sem conseguir ajudar o aluno com necessidades especiais.

Mas vem o o outro lado da moeda que são os resultados positivos, alunos que mesmo sem perspectiva de alfabetização, lá no 5ºano ele começa a ler e escrever como se ali estivesse desabrochado num estalo.

“As manifestações de aquisição das competências cognitivo-sociais, representam um esforço e uma conquista fundamental para toda a vida da criança com transtorno autista e devem ser valorizadas pelos professores”. (BELISÁRIO FILHO, 2010, p.28).

A sociedade como um todo ainda está vendada os olhos para a proporção gigantesca que tem as pessoas com deficiência, precisa-se entender que eles têm uma diversidade de habilidades que muitas vezes são podados por falta de oportunidade, por não deixarem eles “aparecerem e fazer” o que sabem com êxito. E é na escola que eles são vistos e revelados suas habilidades, a confiança que muitas vezes é tirada na família com o excesso de proteção ou auto cuidado, na escola é permitido a pessoa com tea ter autonomia.

O que podemos observar é que mesmo com um laudo essas crianças constroem um mundo novo dentro da escola com amizades, conhecimento, mudanças de hábito e a esperança de que podemos ser pessoas melhores se aprendermos as lições por elas ensinadas, um universo de amor.

Um laudo pode ser mudado com a essência do amor ao próximo, o preconceito pode ser extinto através do respeito ao outro e consciência de que todo ser humano tem uma limitação isso nos faz diferentes e iguais ao mesmo tempo, pois o que é ser normal?.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a cada criança que pude conviver, aprender e que me mostraram a necessidade que eu tinha e tenho de buscar mais conhecimento para lidar com as situações adversas na sala de recursos multifuncional e na minha vida como ser humano.

As famílias das crianças que com muitas dificuldades não desistem de fazer o melhor para seus filhos entre lágrimas, lutas e alegrias.

A EEB Maria Dalva Barbosa de Azevedo por oportunizar a inclusão dessas crianças e o crescimento profissional de seus docentes, lhes dando meios para aprender e inovar através de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. A alegria de ensinar. 4ª ed. São Paulo: Ars Poética, 1994
- BAPTISTA, C. R. Integração e autismo: análise de um percurso integrado. In: BAPTISTA, C. R. & BOSA, C. (orgs) Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção. Posto Alegre: Artmed, 2002. p.127 – 144.
- BELISÁRIO, José Ferreira. CUNHA, Patrícia. Transtornos Globais do Desenvolvimento. Coleção: A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Universidade Federal do Ceará. Brasília, 2010.
- BEYER, H. O. A criança com autismo: propostas de apoio cognitivo a partir da teoria da mente. In: BAPTISTA, C. R. e BOSA, C. (orgs) Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção. Posto Alegre: Artmed, 2002. p.111 – 125
- Declaração de Salamanca. Linha de ação sobre necessidades educativas especiais. OREAL/UNESCO. Brasília: CORDE, 1994.
- GLATE, R. & OLIVEIRA, E.S.G. Adaptação Curricular. Disponível em: www.acessibilidade.net/at/kit2004/Programas%20CD/ATs/cnotinfor/Relatorio_Inclusiva/report_adaptacao_curricular_pt.html. Acesso em: 02-08-2006.
- MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- MANTOAN, M. T. E. O desafio das diferenças nas Escolas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NASCIMENTO, L. B. P. A importância da inclusão escolar desde a educação infantil. 2014. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Departamento de Educação – Faculdade Formação de Professores. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2014.

STAINBACK, S. & STAINBACK, W. Inclusão: uma guia para inclusão. Porto Alegre: Artmed, 1999.